



TOM MORTO

Atentados Poéticos de um Mineiro
Metido a Besta

— Edmundo Brandão Dantas —

ÍNDICE

Liberdade		Pág. 3			
Relativa.....					
O	Amor	Pág. 4			
Inteiro.....					
Agonia	e	Pág. 5			
Poder.....					
No	Dia	em	que	Eu	Pág. 6
Sair.....					
Família.....					Pág. 9
..					
Self					Pág. 11
Diving.....					
De		Fios		e	Pág. 12
Transparências.....					
Corda					Pág. 13
Bamba.....					
Travessura.....					Pág. 14
..					
Anarquia					Pág. 15
Real.....					
Aventura					Pág. 16
Louca.....					
Soneto				da	Pág. 17
Busca.....					
O	Tempo		do	Meu	Pág. 18
Tempo.....					
A		Rotina		do	Pág. 19
Mineiro.....					
Os				Mais	Pág. 20
Iguais.....					
De	Brisas		e	de	Pág. 21
Mistérios.....					
Declaração.....					Pág. 22
..					
Versos					Pág. 23
Incultos.....					
Traço					Pág. 24
Morto.....					
Pulsção.....					Pág. 25
.					
Perfil.....					Pág. 26
..					
Discurso					Pág. 28
Profundo.....					
Descaminho.....					Pág. 29
..					
Retorno.....					Pág. 30
..					
Menu				com	Pág. 31
Antídoto.....					
Ternura.....					Pág. 32
..					
Despressurização.....					Pág. 33

..			
Verdades.....			Pág. 34
..			
Atualidades			Pág. 35
Atlântida.....			
Deleite.....			Pág. 36
.			
Discovery.....			Pág. 37
..			
De			Pág. 38
Dentro.....			
Loucura.....			Pág. 39
..			
Tom			Pág. 40
Morto.....			
Coração			Pág. 42
Desafinado.....			
Alça		de	Pág. 44
Mira.....			
Dúvida			Pág. 46
Atrós.....			
A			Pág. 48
Rua.....			
Festa			Pág. 50
Junina.....			
Enigma.....			Pág. 51
..			
Inverno.....			Pág. 52
.			
Palavra.....			Pág. 53
..			
O		Verso	Pág. 54
Decomposto.....			
Soneto		da	Vida- Pág. 55
Rima.....			
O		Gigolô	da Pág. 56
Pátria.....			
O	Bolso	do	Meu Pág. 58
Colete.....			
Ponto			Pág. 59
Certo.....			
Moto			Pág. 60
Perpétuo.....			
Tinhoso.....			Pág. 61
..			
Soneto			Pág. 62
Invertido.....			
Patriotismo.....			Pág. 63
.			
Regime			Pág. 65
político.....			
Depois	que	John	Lennon Pág. 66
morreu.....			
A			obra Pág. 68
perdida.....			
A		cara	da Pág. 70

aranha.....			
A	tarde	Songa-	Pág. 71
Monga.....			
Academia.....			Pág. 72
..			
Minha	ida	a	Pág. 73
Cartagena.....			
A	verruca	da	Pág. 74
caveira.....			
O		roqueiro	Pág. 75
caduco.....			
Reverberação.....			Pág. 76
.			
Constatação		com	Pág. 77
ossos.....			
Constatação		de	Pág. 78
novo.....			
O	cego	no	Pág. 79
trapézio.....			
Da essência da dúvida nos crepúsculos etílicos.....			Pág. 80
Ambição		de	Pág. 81
poeta.....			
Mistérios		do	Pág. 82
lixo.....			
Declaração	do	amor	Pág. 83
perplexo.....			
Filosofia	barata	regada	a
vinho.....			Pág. 84
Amadurecer.....			Pág. 85
.			
Bratislava.....			Pág. 86
..			
Meu	quintal	de	Pág. 87
Brasília.....			
Benchmark.....			Pág. 88
..			
A cura.....			Pág. 89
Nowhereland.....			Pág. 90
..			
Poema profundamente romântico.....			Pág. 91
Mariana.....			Pág. 92
.			
Poema			Pág. 93
secreto.....			
A	montanha	e	o
cais.....			Pág. 94
A			Pág. 95
tarde.....			
A	música	e	o
músico.....			Pág. 96
Os			Pág. 97
pés.....			
Veia			Pág. 98
caipira.....			
A	cabeça	do	Pág. 99
presidente.....			

Gráfico.....		Pág.100
..		
Água.....		Pág.101
..		
Povo	de	Pág.102
brinquedo.....		
TV	por	Pág.103
assinatura.....		
Minha	vida	Pág.104
caipira.....		
Desencontro.....		Pág.105
.		
Amor		Pág.106
cibernético.....		
Reflexão.....		Pág.107
..		
Mineiro		Pág.108
cansado.....		
Desdita.....		Pág.109
.		
Caleidoscópio.....		Pág.110
..		
Meu	dia	de
refém.....		Pág.111
“Insight”.....		Pág.112
..		
Poema doce.....		Pág.113
Pablo.....		Pág.114
..		
Dúvida		Pág.115
crônica.....		
Causa.....		Pág.116
..		

LIBERDADE RELATIVA

Aos quarenta e dois anos
a gente quer liberdade.
Sendo pobre, liberdade não há.
Sendo pobre, meio lixo,
desenho em um só ângulo,
chapa cega, sem perspectiva,
aos quarenta e dois anos,
cadê liberdade?

Liberdade é um sonho absurdo.
Fadado aos caprichos do destino,
meio perdido, meio pasmado,
liberdade haverá?

O AMOR INTEIRO

O amor não admite

meio-termo:

ou se ama e se tem tudo,

ou se suporta,

e nada.

(O amor, então, corta como espada).

Quando uma das partes ama

e a outra apenas suporta,

o amor não completa,

corta.

AGONIA E PODER

O homem na sala
vive a agonia do só;
o mundo lá fora
arrisca-se à iminência do pó.

A sala retrata
a solidão das fronteiras;
dinheiro, poder,
derramam-se às mancheias.

O homem pensa
e se enxerga como vidro;
o poder é efêmero:
é nada.

A paz total é tudo o que espera;
sofre só, o homem forte.
O medo da perda do poder o exaspera:
Dinheiro, poder, nada, diante da morte.

NO DIA EM QUE EU SAIR

Quanto apuro
se tomo o rumo
do futuro
e largo os furos
do passado,
os escuros
que esconjuro,
nestes versos claros?

Compensará o valor
da vida que enterrei
no fundo dessa
empresa,
da qual fui presa
durante tantos anos?

Seguramente,
o valor será pouco.
Sou humilde,
valho quase nada.
Não me iludo
com recompensas

e reconhecimentos.

Se sair serei

mais um esquecido,

passado não houve,

passado não há.

Entretanto,

sei tirar leite de pedra.

Serei digno e,

muito provavelmente,

mais feliz.

Logo, apaguem

o passado,

como se apaga

um risco de giz.

Pego meu novo rumo,

certamente

busco a qualidade

de vida

que não tive,

porque se a vida,

que é dádiva,

passa e não se vive,

não há claros,

mas escuros.

E passado é passado!

E futuro é futuro!

FAMÍLIA

Eles não sabem o quanto eu os amo.
Sequer sabem como eu os amo.
Meu amor por eles é o mesmo
das forças arrebatadoras —
vendavais, furacões, terremotos, inundações —
mas um amor contido, guardado,
que, embora eu tente compartilhar,
ninguém entende em plenitude.
Meu amor por eles é aquele
do sono perdido,
das preocupações com o imprevisto,
do empenho em agradar,
do sofrimento infinito das incertezas.
Eu os amo com tanto amor,
que meu peito é pequeno
para guardá-lo inteiro.
Posso dizer que meu amor por eles
transborda por meus poros.
Mas carrego sempre um pé atrás:
daqui a alguns dias
eles podem me esquecer;
e eu, possivelmente atordoado,

saberei o que fazer?
Então me preparo como
quando das paixões mais loucas.
Sei que amanhã, por desconhecerem
a intensidade desse meu amor,
poderão me esquecer.
Guardo no que de mais sagrado
existe em meu ser,
este segredo profundo,
que me incomoda,
mas me faz viver.

SELF DIVING

Ouvindo o vento,
uivando o vento,
terra molhada,
a absorver o fruto
do evento.

O vento é o evento,
que viaja, furacão
ou brisa.

Eu, tempestade,
assumo rápido
ou lento,
os silvos do evento.

Passa o ar,
uiva o vento,
eu, aqui,
mergulhado em mim,
ouvindo o vento.

DE FIOS E TRANSPARÊNCIAS

Traz nos fios que tecem
o terno,
os ácaros da ambição.
Cabisbaixo,
pensativo,
a seda pura da gravata estampada,
com faces distorcidas
a pulsar esgares.
Incorpora-se ao homem
o algodão da camisa,
em cada fio,
sonhos de poder.
No náilon das meias,
no couro dos sapatos,
as metas da vontade.
Segura a pasta,
enquanto aposta
na vida idiota.
À frente, enxerga o nada,
o transparente.

CORDA BAMBA

Ando no fio da espada,
equilibrando-me no risco
do nada.

Busco a dignidade no todo,
jogando malabares
a rodo.

Caço nos caminhos da vida,
minha grande aventura
perdida.

TRAVESSURA

Lá, no sul de Minas,
nenhuma canção
desafina.

O que me orgulha,
é minha cabeça
que gira
e essa capacidade
moleque
de dizer mentira.

ANARQUIA REAL

Um dia lá
em Brasília,
vi reis,
vi princesas,
vi marqueses,
vi duquesas,
vi o povo se abanando
com a bandeira do Brasil.

Em Brasília
o presidente,
nem católico,
nem crente,
dava um laço na gravata
no Congresso Nacional.
Senador e deputado,
um corrupto, outro safado,
davam peidos
no Senado,
e na Câmara Federal.

AVENTURA LOUCA

A vida é assim:

um dia

me rasgo pela boca,

outro dia

me viro pelo avesso.

SONETO DA BUSCA

Fiz uma canção
de corpo e alma,
para tentar alcançar
a tão sonhada calma.

Esmerei nos versos,
caprichei na harmonia,
joguei no ar,
mas paz não havia.

Resolvi esperar outro poema,
que meu interior a mim soprasse,
fechei os olhos, armei o esquema,

aguardei que a calma me tomasse,
de quase dormir, perdi meu tema,
sonhei em vão, que a vida não se mostrasse.

O TEMPO DO MEU TEMPO

Meu tempo é o tempo
das grandes coisas:
grandes injustiças,
grandes incompreensões,
grandes batalhas
perdidas.

Meu tempo é o tempo
das forças ocultas:
grandes mamatas,
grandes sujeiras,
grandes realizações
malditas.

Meu tempo é o tempo dos podres:
o tempo das distâncias extremas,
das diferenças terríveis,
das distorções
da vida.

A ROTINA DO MINEIRO

Um dia eu ando pela rua,
no outro não saio de casa;
às vezes mergulho no trabalho,
às vezes só bato asas.

Meu tempo é assim, rotineiro,
entre saídas e entradas;
um dia moleque fagueiro,
outro cansado da estrada.

OS MAIS IGUAIS

Enquanto os políticos
discutem interesses pessoais,
eu produzo.

Enquanto os ministros
assinam portarias irracionais,
eu estudo.

Enquanto o presidente
faz viagens internacionais,
eu labuto.

Políticos, ministros, presidente,
são mesmo assim, impolutos,
sorridentes e engomados,
testando nossa capacidade
de sofrer sem ficar putos.

DE BRISAS E DE MISTÉRIOS

Minas Gerais é um mistério,
que trago comigo
desde pequeno.

Sem mar, nem praia, sorrateira,
sopra a brisa fria
das montanhas.

Minas Gerais é mais do que
mistério: é estranha.

O que me faz amar esse pedaço,
é, quiçá, a mais pura mineirice.

Quem sabe amar mistérios, de repente,
é, mesmo assim, talvez, mais conivente,
com segredos e sonhos
conscientes.

DECLARAÇÃO

Um dia diz minha mulher:

— Estou cansada de Brasília!

Eu testo minha incompetência:

21 anos cansado de Brasília

e tendo que ficar,

pra sustentar minha família.

Um dia diz minha mulher:

— Estou cansada de Brasília!

E eu me recolho em mim mesmo,

meio perdido, meio ilha.

VERSOS INCULTOS

Trago versos pouco cultos,
de palavras que escorregam;
meu jeito meio indireto,
de abrir meu coração.

Trago sonhos às mancheias,
e metas que surpreendem;
meu jeito meio ousado
de burlar minha razão.

Misturo o coração com a razão
e acho verdades estranhas.

TRAÇO MORTO

O desenho inspira:

o homem caído no chão.

Não há ritmo, não há cores,

só o vento... o vento...

O traço se espalha

sobre o papel acolhedor.

Não há sonhos, não há risos,

só o tempo... o tempo...

O desenho inspira o traço morto:

o homem inerte no chão.

Não há luzes, não há flores,

rumo torto... torto.

PULSAÇÃO

A rua pulsa
no asfalto quente,
e eu por aqui,
a pulsar também.

O ato de pensar
é meu asfalto quente,
o meu pulsar,
complacente.

A rua pulsa
em meu pensamento;
vejo a velocidade
do mundo.

O ato de pensar
é meu exercício
mais profundo.

PERFIL

Somos os ratos
de orelhas nas costas,
os sapos cegos,
as cobaias
dos Três Poderes:
somos o povo do Brasil.

O Brasil é feito
da nossa dignidade ferida,
da dor do nosso flagelo,
da inércia dos poderosos.

O Brasil é a Pátria
apodrecida
pelas fístulas da
corrupção.

Nós trabalhamos, eles se divertem;
nós sonhamos, eles esbanjam.
Eles se isolam na opulência,
nós damos nosso sangue,
na esperança de regenerar

a Pátria podre.

Somos o povo do Brasil.

Aqueles que tocam esse barco.

DISCURSO PROFUNDO

Sua Excelência falou:

— Vagabundos!

Sua Excelência bufou:

— Vagabundos!

Sua Excelência gritou:

— Vagabundos!

Depois desse discurso profundo,

ajeitou a gravata,

ajustou o terno,

e, todo frajola,

saiu pelo mundo,

vagabundo.

DESCAMINHO

Prefiro as distorções
mais arrojadas,
do que as linhas retas;
acordes dissonantes,
a cebolões.

O que se há de fazer,
se sou mesmo assim,
meio torto,
e o mundo em que vivo
é um descaminho?

RETORNO

Pelo início da manhã,
ouvia os caaporas
de minhas matas imaginárias.

No meio da noite,
Saci pulava sua perna
única, assobiando
nos redemoinhos.

Já de madrugada,
eu tomava um porre de vodca
com lobisomens, mulas-sem-cabeça,
almas penadas,
e nem sabia.

MENU COM ANTÍDOTO

Dida falava assim:

— Vou fazer um arroz “la greta” procê.

Depois, vinha com outra:

— Melhor: feijão “torpedo”.

Eu saboreava:

— Biscoito de “porvío”.

Passava a comilança,

fígado chiava:

— Toma chá de “bôrdo”.

Minha vida pintava e “bordava”.

TERNURA

Minha mãe, de cadeira
de rodas,
exercitava diariamente
sua veia mais crítica.

Desfiávamos os rosários das
mais tenras novidades
da Caxambu de então.

Meu pai sorria,
com seu gênio turbulento.

Minhas irmãs,
boquirrotas, explodiam.

Eu tomava minha cervejinha,
enquanto a felicidade passava.

DESPRESSURIZAÇÃO

Desde que comecei
a despensar,
vivo meio zozzo.

Nada muito sério,
desimagino.

Só tenho uma certeza:
vivo desinquietao.

VERDADES

Quem me disse isso tudo
foi a Dida:

— Home que passa debaixo do
arco-íris vira muié.

— Morcego é rato véio que
criou asa.

— Rosto quente, que toma
corrente de vento frio, entorta a boca.

Desde então,
nunca mais parei
de pensar.

ATUALIDADES ATLÂNTIDA

Cê já foi visigodo,
sem nunca ter sido?
Cowboy, sem nunca ter sido?
Índio, sem nunca ter sido?
E Tarzã? E Zorro? E Jim das Selvas?
E Flash Gordon? E Durango Kid? E os Três Mosqueteiros?

Cê já navegou pelos
lagos suíços,
sem nunca ter ido lá?
Já pescou truta na Noruega,
sem arredar o pé daqui?
Já atravessou o Ártico
sozinho, sem sair do Brasil?

Eu, que já fiz tudo isso,
lhe asseguro:
não precisa de televisão,
nem de livro.
Basta sintonizar
o canal dos sonhos.

DELEITE

Sol no morro, mata virgem,
frio da Mantiqueira;
abro meu coração
pro mundão véio
sem porteira.

DISCOVERY

Meu único problema

é a falta de dinheiro.

Então tá.

Eu dou uma

voltinha por aí

e vejo o mundo.

Descubro que tenho tudo

e que dinheiro é mesmo

nada.

Então tá: vivo de falta de nada.

DE DENTRO

Existe um lugar em
mim,
que é puro segredo.

Não conto porque
não quero.

Assim, acho que
é mais bacana,
mais “*fashion*”,
mais mistério.

Esse lugar em mim
é lá,
onde o homem voa.

LOUCURA

A cada nova aventura,

me alcanço.

A cada novo rumo,

me liberto.

Essa minha obsessão

em ansiar por

novidade,

vem comigo

desde que nasci.

É por isso que

rompo fronteiras,

é por isso que

rasgo decretos.

Por esses atos,

tão naturais,

me chamam de louco.

TOM MORTO

Minha vingança é um canto,
que não sei se canta ou não;
minha dor é um grosso manto,
que me envolve o coração.

Ah, que festa é essa,
que finge, mas não se manifesta,
eta, vida besta,
vida besta...

Procuro um acorde quadrado
nos trastes de meu violão;
cordas podres, sons perdidos,
dizem não às minhas mãos.

Minha canção sai rasteira,
fraca, tênue, sem expressão;
me recuso à saideira,
decerto não queira canção.

Anjo certo, anjo torto,
anjo esperto, anjo piano,

cego anjo, anjo morto,
voa solto em outro plano.

CORAÇÃO DESAFINADO (8/12/94 - FIM DE TOM)

Quando morre um músico,
meu coração desafina.
Só consigo enxergar os acordes
tortos da vida,
essa pauta maluca
de semitons amargos.

Quando se vai um poeta,
param meus sonhos azuis.
Fico assim, meio sem rima,
como um soneto louco,
inacabado,
a desentender a razão do poema.

Quero dar um adeus,
mas, quem sou eu,
senão um crédulo,
que se recusa a acreditar
no que de fato aconteceu?

De fato, estou longe,
triste, ouço as notas

tropeçando em rimas
bêbadas,
enquanto os anjos do céu
celebram a chegada do artista.

Mas que foi chato, Tom, lá isso foi.

Ah, como foi chato!

ALÇA DE MIRA

Meus olhos vêem o tempo passando,
meu humor delira, enquanto espreito;
jogo no vento mil mistérios e sorriso,
ao ver tantos vendavais se dispersando.

Aponto para o centro mais perfeito,
meu foco é a luz do sol mais forte;
talvez a lua, refletor malandro,
possa descobrir-me, de pura sorte.

Armo a tocaia ao tempo inesgotável,
rebelde, temo o relógio silencioso,
de meu esconderijo aguço a pontaria,
hoje, amanhã, a qualquer hora ou dia.

Que manhã, que momento, qual é a armadilha?
Não sei se valerá melhor alça de mira,
provavelmente não, quem sou, mortal ventura,
tocaia, atocaiado fui, tempo me atira.

Sinto vultos do vento a murmurar-me,
fui meio menino em aventurar-me,

encerrarei aqui minha atalaia,
passa, tempo, desfaz essa tocaia.

DÚVIDA ATRÓS

Então somos assim:
lembramos do nosso país
quando tem Copa;
depois, pensamos no que fazer:
se votamos mal,
se levamos as vantagens de sempre,
se ouvimos o lixo estrangeiro,
se assimilamos as misérias
que nos impõem.

Nos tempos normais
esquecemos o Hino,
não há Bandeira, não há nada;
deixamo-nos escravizar
por juízes, deputados,
senadores, empresários,
estrangeiros, burocratas.

Passada a euforia,
submissos,
jamais reivindicamos o que quer que seja.
Somos o povo mais estranho,

somos assim:
a Pátria em segundo plano,
como se nada fosse
mais importante.
Quem sabe somos gente
de segunda?

A RUA

A rua não tinha asfalto,
nem concreto,
a chuva a tornava
grosso lamaçal.
Escorregávamos na lama,
caíamos, enquanto
exercitávamos
nossas melhores gargalhadas.

No sol, era poeira pura;
a rua de terra,
a trazer surpresas:
gente nova que sobe,
gente velha que desce,
gente nova que desce,
gente velha que sobe.

Tinha um bambuzal
e um pasto de mato,
com amoras silvestres
e seres invisíveis.

Lá, de pés descalços,
moleques do passado
víviam,
a alimentar os sonhos.

FESTA JUNINA

Tem coisa melhor
do que festa junina?
Diga aí, ó meu menino,
diga lá, minha menina,
tem coisa melhor
do que festa junina?

Sanfona, milho, quadrilha,
canjica, quermesse, quentão,
frio do sul de Minas,
fogueira do meu coração.

ENIGMA

Pra frente é que
se anda,
dizem os “*slogans*”;
mas, como ter
lembranças
do futuro?
Na dúvida,
fico com o passado.

INVERNO

A memória me traz a neblina,
o arrepio me lembra o frio;
levantava cedo,
abandonando as cobertas
e saía de flanela,
a apreciar a geada.

A lembrança me traz o azul,
uma visão me alerta
para o vento;
saía de lã pelas manhãs perfeitas,
feliz, sem pensar em nada.

PALAVRA

Talvez a palavra incomode,

talvez irrite,

talvez confunda,

talvez espante.

Meu prazer em

trabalhar com palavras

é justamente esse:

manipular mistérios,

lidar com enigmas,

buscar surpresas,

decifrar incógnitas.

A junção de letras,

gerando dimensões

inatingíveis,

ô prazerzinho besta, sô!

O VERSO DECOMPOSTO

Desmantelo versos,
assim faço.
Não quero o verso tolo,
o verso lasso.

Decomponho versos,
assim espero.
Não quero o verso burro,
o lero-lero.

O que eu quero,
de verdade,
é o poema forte,
o verso exato,
que, mesmo decomposto,
neutralize o impacto
desconcertante
do fato.

SONETO DA VIDA-RIMA

Nada vai fazer com que eu desista,
ou, mesmo, que eu insista em desistir;
tudo irá mudar e isso é parte,
do fato impertinente de existir.

Ninguém deve esperar que eu desanime,
ou, mesmo, que eu me anime a vacilar;
tudo há de mudar porque faz parte
o fato incontestável de mudar.

A vida é assim, é teimosia;
quem cede e fácil desanima,
deixa passar o tempo e se esvazia;

e não há poema que exprima,
o peso inquestionável da poesia,
que reside na luta pela rima.

O GIGOLÔ DA PÁTRIA

Todas as noites,
todos os dias,
ele impressiona:
faz deste país uma zona.

Todas as horas,
a cada segundo,
ele vai ao céu:
faz deste país um bordel.

Não há escrúpulo
na cabeça desse homem,
que explora a Pátria
como a uma prostituta.

Abre as pernas da Pátria
e a oferece, descarado,
aos prazeres do mundo,
Pátria puta.

Ele é o gigolô do Brasil:
ganha dinheiro fecundo,

oferecendo o país
aos desejos do mundo.

O BOLSO DO MEU COLETE

Quando cheguei em Brasília,
além da esperança,
trouxe uma surpresa
no bolso do colete:
essa verve mineira,
que não me abandona,
desde Caxambu.
Hoje, muitos anos depois,
só tenho a surpresa.
A esperança é a volta.

PONTO CERTO

Meia-idade.

Ponto.

Onde está

o encanto?

Conto:

muitos anos,

a dura realidade

e pronto.

Meia-idade.

Ponto.

Meio encanto.

MOTO PERPÉTUO

O poema em si

é poesia.

Especial ornamento

da palavra.

A palavra enfeitada

é o poema em si,

que é poesia.

TINHOSO

Não tenho papas na língua,
nem bispos, nem monsenhores.

Minhas versões são aquelas
dos versos enormes.

Não trago juras de amor,
mas trago amores
gigantes.

Sou um mineiro enjoado,
daqueles metidos a bestas,
que amam Minas Gerais
e sentem saudade de casa.

Só não dá pra morar lá,
senão acabam os sonhos.
Minha mineirice é assim:
não tenho papas na língua,
nem bispos, nem monsenhores.

SONETO INVERTIDO

A mulher que me encanta
Mora lá dentro de casa;
é a mesma que me acalanta,

ou que me esquenta feito brasa;
é aquela que me espanta,
mas que meu amor extravasa.

Minha mineira encantada,
que me apóia e auxilia,
veio lá do sul de Minas,
com meus versos e poesias.

Trouxe essa gata mineira,
no fundo do coração,
até hoje somos um,
na mais que perfeita união.

PATRIOTISMO

Amo o Brasil,
como amo uma boa trepadinha
bem no finzinho da noite.

Amo Pindorama,
como amo uma roda de viola,
conversa jogada fora.

Amo Santa Cruz,
como amo os livros, os discos,
o imaginário do povo.

Amo Vera Cruz,
como amo um beijinho gostoso
na boca de minha amada.

Amo esta Terra Brasilis,
como amo meus filhos, minha família,
minha vidinha tranqüila.

Amo meu país,
como amo Caetano Veloso
cantando “Língua”.

Amo minha Pátria,
como amo as varandas, os sussurros,
as águas minerais.

Amo minha terra,
como amo Caxambu, meus amigos,
minhas causas impossíveis.

Amo o Brasil,
como amo as metáforas, as antíteses,
os paradoxos.

REGIME POLÍTICO

Parlaputa

Mentarismo,

Presiplura,

Dencialismo,

Parladência,

Putarismo,

Presidência,

Pluralismo,

Parlamento,

Merdalência,

Putamerda,

Decadência.

DEPOIS QUE JOHN LENNON MORREU

Hoje somos senhores de casa,
barrigudos e carecas,
não há mais canções dos Beatles,
nem masturbação nos muros
da cidade.

A cidade, ah, a cidade!

Virou plantação de prédios?

Oligopólio de riquezas escusas?

Hoje somos pais de família,

cabelos grisalhos,

quase broxas,

não há mais beijos roubados,

nem tesão por tornozelos.

Hoje as bundas são explícitas,

os seios não têm mistérios.

Os dedos manuseiam vento,

as coxas anseiam por verdades.

A OBRA PERDIDA

Parte de minha obra sumiu,
escafedeu-se,
fruto de minha desatenção.

Parte de meus poemas mais queridos,
hoje é lixo,
está por aí, perdida em algum lixão de Brasília.

Rasguei-os, apaguei-os de mim,
agora sofro.

Quando terei caminhos
Para novas criações?

Meus melhores poemas,
aqueles que mais me tocavam,
viraram migalhas,
lugar-comum,
deteriorados, talvez,
entre outros resíduos,
as letras apagadas,
palavras desarticuladas,
resultado de minha cabeça oca.

Como é triste descartar poemas!

Temas que tanto tempo

leve para desenvolver,

hoje são assuntos mortos,

perda total.

Fosse eu um poeta importante,

teria uma obra inacabada.

A CARA DA ARANHA

Ao escrever, deparo-me com uma aranha:
É dessas aranhas pequenas, papa-moscas.
O que haverá na cara da aranha?
Sinto que milhares de olhos me perscrutam,
Gulliver de liliputianos olhares temerosos.
A aranha, sinto, me analisa.
Poeta, estarei louco?
Recuso-me a escrever por uns instantes.
A aranha pára, liga-se em mim.
Eu morro.
A aranha, de súbito, me desdenha:
tece uma teia inesperada,
anda, vai embora,
e eu, perplexo,
a perceber nela caras e bocas.
Aranha estranha...
Simplesmente dá-me as costas
e escala a teia.
Aranha feia!

A TARDE SONGA-MONGA

Desimagino coisas nessa tarde escrota.

Arremedo o tempo fazendo caretas.

A tarde escraviza o sábado,

desencravo a frase.

Meu dedão dói,

típico cagão.

Meu poema escorrega,

como a desfaçatez das bananas pisadas.

Eu, hein, penso na tarde.

Desdigo tudo e não sou fhc.

A tarde é songa-monga e me faz espirrar podres.

O sábado é foda.

ACADEMIA

Nunca sonhei ser acadêmico.
Agora, já meio coroa, por que não?
vamos pra lá, mastigar sílabas,
sonhar sonhos,
verborragiar.

Desenho a cena:
teatro chocho, espaço curto,
e versos e letras,
e contos e poemas,
e crônicas e romances
a se entrelaçarem.

Eu, no meu canto, a redigir discursos,
imaginando subverter qualquer coisa.

A academia, por si só, se impõe.
Nos jornais, restos de liquidação,
estoques de boatos,
resquícios da cidade apagada.
Fecho os olhos, dentadura frouxa,
mastigo as sílabas, uma por uma.

MINHA IDA A CARTAGENA

É claro que nunca fui a Cartagena,

assumo enfim.

Desviajo sempre, entretanto.

Minha dessintonia

está sempre contida

nos recipientes vazios.

A cabeça, fora de foco,

alimenta descaminhos, que sou mineiro, sô!

(E nós sempre tem um tiquim de coisa

pra trimilicar).

Cartagena, Cartagena,

sei lá onde me situo!

A VERRUGA DA CAVEIRA

Não sei o que é mais feio:
se uma caveira, uma verruga,
ou mesmo a Sandra de Sá.

Por via das dúvidas,
extravio meus enredos,
daqui para acolá.

Imaginem uma caveira com verrugas.
Ai, meu Deus, que coisa mais horrível!
Peço licença e desencarno.
E o tempo nos dirá quem tem razão.

O ROQUEIRO CADUCO

Misturo acordes pesados
com canções românticas
e subverto a ordem.
Sou um psicodélico eclético,
que vai do punk ao poético,
como de Caxambu a Baependi.
Meu rock tem clarinetas,
pasmem!
Meu rock tem jatobá, gabirola e
araçá,
um sabor exótico.
Meu rock é pudico-erótico.
Destina-se a beatas e meretrizes,
sagrados e profanos,
veados, lésbicas, leigos.
Apesar de tudo, meu rock é meigo.
Muito melhor do que "bunda music"
ou esses pagodes que infernizam
nossos ouvidos.
Meu rock é surdo.
Não é para ser ouvido.

REVERBERAÇÃO

Verter versos,
mananciais palavras,
ler Asterix.
Ouvir música,
reverberar rimas,
idéiafix.

CONSTATAÇÃO COM OSSOS

Brasília esconde
as vértebras no
eixo monumental.
Costelas? Há muitas
no tórax da capital.
Eta, cidade danada,
essa tal Capital Federal!

CONSTATAÇÃO DE NOVO

A cada conquista
de minha vidinha,
tenho a nítida
sensação
de que o dom de viver,
mais do que uma
brincadeira de Deus,
é uma coisa estranha.
Acho que tenho
feito coisas,
produzido coisas,
(que valem menos
do que um gol de
Romário,
ou que um comentário
dos iluminados da Globo).
A vida é assim,
constato tristemente:
porra nenhuma!

O CEGO NO TRAPÉZIO

A vida por um triz,

pensa o cego

no trapézio.

A vida por um triz,

penso eu

a caminhar pelo incerto,

o risco,

a aventura.

Seremos todos,

no fundo, no fundo,

cegos no trapézio?

Passa uma brisa rápida,

e minha visão se turva.

DA ESSÊNCIA DA DÚVIDA NOS CREPÚSCULOS ETÍLICOS

A tarde espacial
se descortina,
abre o espectro,
amplia-se o
desastre:
o dia termina.
Dormimos?
Acordamos?
A resposta eu deixo
pros filósofos
de botequim.

AMBIÇÃO DE POETA

Minha única ambição

talvez seja

subverter o verso.

Ceguei à conclusão,

depois de tentar

pensar

sem conseguir.

Quero rimas ousadas,

como amor e alimento,

rimas toscas,

como canção e vento,

quero encontrar

o não-limite do poema.

Fujo das terminações

e desinências,

porque o verso,

subvertido,

é o reverso

do verso.

MISTÉRIOS DO LIXO

Pobres como eu

são assim:

só andam de ônibus,

roupas remendadas,

sempre quebrados.

Pobres como eu

são assim:

vivem à margem de tudo,

comem o pão que o diabo amassou,

escrevem poesia.

Poetas são assim:

tiram do lixo

canções desesperadas,

poemas de amor,

mistérios da pobreza.

DECLARAÇÃO DO AMOR PERPLEXO

Como eu te amo, meu amor!

E um tiro ecoa
pela manhã de sol.

Enquanto um bando de aves
voa em “v”, simulando
vitórias,

minha declaração de amor
se contrai em “ohs”,
de perplexidade.

Minha querida,
como é bom,
quase perfeito,
encontrar
a perplexidade no amor,
quando há
tantos que amam
sem a emoção dos tiros,
das conquistas,
das armadilhas.

FILOSOFIA BARATA REGADA A VINHO

Escrevo poemas,

logo, desisto!

(diria, parodiando

o filósofo).

Por conta disso,

finjo que existo.

AMADURECER

Entro no ônibus e,
num impulso,
começo a observar
as pessoas.

Dois jovens advogados
testam sua
alegoria legislativa
praticando latim.

Subitamente,
eu penso em mim.

BRATISLAVA

Hoje vi o presidente da república
escondido entre medalhas
de doutor "*honoris causa*",
que ganhou em Bratislava.

Hoje vi meu povo brasileiro
recolhido entre as mortalhas,
que a violência sem causa,
espalhou como rio de lava.

E as lágrimas que corriam
pelos rostos do Brasil
eram bem mais convincentes
do que o sorriso narcisista
do frajola presidente.

MEU QUINTAL DE BRASÍLIA

O meu quintal, em Brasília,
é uma varanda pequena,
com violetas,
muito aquém, é claro,
dos quintais da Guiomar.
(Mas como venta
em meu quintal!)

E em cada brisa
que me afaga o rosto,
sou levado a algum lugar,
não sei exatamente aonde.

Meu quintalzinho de Brasília
provoca em mim
fechares de olhos,
e uma profunda, quase surreal,
imersão.

Graças a ele,
com sua brisa energética,
às vezes me encontro.

BENCHMARK

Os intelectuais que
me perdoem,
mas a burrice
é fundamental.
Sem ela,
a intelectualidade
não teria
“*benchmark*”.

A CURA

Nunca li Rimbaud,
nem vivo de vomitar
filosofias.
Não gosto de filmes herméticos,
de ópera,
nem de beatas carolas,
que me encham o saco
com sua mania de pecado.
Sou mais pela
simplicidade da transparência,
pela sinceridade,
pela emoção de viver.
Por ser assim, tão normal,
não tenho cura.
Ai, meu Deus,
será que tenho cura?

NOWHERELAND

Se eu, humilde mortal,
desenhar um quadrado
vermelho
numa tela branca,
serei chamado de
artista?

Acorda, Edmundo,
você não merece
espaço
sequer na
Praça 16 de Setembro!
No máximo,
o que o espera,
é um cantinho
esquecido
em Nowhereland.

POEMA PROFUNDAMENTE ROMÂNTICO

Te amo
até nas profundezas
dos mares mais
profundos,
no ponto mais
abissal do Grand Canyon,
no fundo mais
recôndito
do meu pobre coração.

Te amo
da extensão mais profunda
das mais fundas
cavernas de Minas,
no esconderijo mais
secreto dos poetas,
te amo até
na solidão mais aguda
dos planetas.

Meu amor por ti
extrapola silêncios.

MARIANA

Vem aqui, minha filha,
dá um beijo no velho!
Papai percebe
que as coisas
já não são mais
as mesmas.

Mariana se liberta
pluviometricamente:
chove-se, neva-se,
conspira até contra
os verbos mais anômalos.

Transmuta-se em mulher,
minha pequerrucha.

Minha pequenina
ficou num ponto
de mim que desconheço.

Minha pequenina
se lembra de mim?
Por via das dúvidas,
dá um beijo no velho, dá?

POEMA SECRETO

Fechem-se as portas,
rumina o araponga;
escondam-se sentimentos,
regurgita e quase grita;
o poema secreto
desponta,
sedento de mistérios,
louco para atiçar
as minhocas que
os que os lerem
colocarão em suas cabeças.
O poema não é apenas secreto;
é também discreto,
nada concreto,
abstrato.
O poema sofre de falta
de tato.

A MONTANHA E O CAIS

Da infância trago quimeras,
do passado, minas generosas;
há uma pergunta no ar
que não sei responder.
Talvez mereça quimeras,
quiçá, Deus sabe, Minas Gerais.
Talvez meu mundo-montanha,
nascido longe do mar,
esteja a procura de um cais.

A TARDE

Brasília ressona
neste domingo insosso.

Brasília insossa,
avessa, faz do vício
do sono da sesta,
a culpa maior
do domingo insosso.

Uma preguiça
atiça em mim
a tarde improdutiva,
o tempo perdido,
como se a vida
esperasse.

Apenas minha
caneta trabalha
o papel, amarelo
como a tarde
de domingo.

A MÚSICA E O MÚSICO

Busco acordes que não
sei,
canções inesperadas.
As chaves mais absurdas
se perdem em minhas
partituras.
E o músico em mim,
comete música.

OS PÉS

Amava admirar os pés femininos
em sandálias que
emanavam sexo.

As mulheres enfeitavam
os pés e os expunham,
descaradas.

O poeta recolhia-se
em si e imaginava
o impossível.

VEIA CAIPIRA

Cê já ouviu viola tocando?
Se não ouviu, procure ouvir.
O som da viola, puro,
cristalino, decompõe
a beleza das coisas mais simples.
Quando ouço seus acordes,
minha veia caipira salta.
Então joga para o alto
diploma, títulos,
e sinto, no fundo do peito, o tempo
perdido nos escritórios da vida,
sensação de perda.
Fecho os olhos e vou pra
Minas: caipira, fogão a lenha,
chapéu de palha, broa de fubá.

A CABEÇA DO PRESIDENTE

A cabeça do presidente
tem teses de doutorado,
argumentações bem preparadas
e um QI privilegiado.
Todas as noites descansa,
com a irreverência dos gênios,
os sonhos que ajudou
a destruir.

GRÁFICO

Minha vida
cartesiana, de
abscissas e ordenadas,
faz de mim
um perfeito idiota:
um dia me mato
de trabalhar,
outro gasto
meu tempo com
o inútil.
Sinto-me linear
e obtuso.

ÁGUA

A fonte jorra água mineral.

Longe, de Brasília, imagino

a fonte.

A água jorra, gasosa,

levando a vida adiante,

Caxambu deixa passar

sem perceber.

POVO DE BRINQUEDO

Não sei o que pensa meu povo;
talvez, quem sabe,
nada de novo.

Meu povo, o mais simples
do mundo,
é o povo da televisão:
fala por bocas que
não são dele,
pensa por mentes que
não são dele.

Meu povo é o caipira
do sul de Minas,
manipulado pela mídia,
falando com sotaque
do Rio de Janeiro,
sufocando trens e uais.

TV POR ASSINATURA

A maior invenção
do homem
moderno,
são as TV por
assinatura.
Somente graças
a elas, eu
consigo me
livrar dos
programas
eleitorais.

MINHA VIDA CAIPIRA

Ainda que eu quisesse,
aparentasse,
não haveria como
disfarçar
minha vida de
caipira.

De manhã moda de viola,
de dia um tanto
de “uais”.

À noite, sonhos
mineiros,
dia seguinte
tem mais.

DESENCONTRO

Negócio seguinte:

eu lhe dou um motivo

pra gostar de mim,

cê me dá mil razões

pra não fingir.

Então fica assim:

Nem você me telefona,

nem eu lhe telegrafo.

Escrever, quem sabe?

AMOR CIBERNÉTICO

Eu sou uma espécie

de “*hacker*”

insaciável.

Quero brincar com você,

criando jogos,

nós dois num

“*site*” paradisíaco.

Eu pirateio você,

você se entrega,

eu crio um

“*software*” chamado

“Nós Dois”.

Depois, é tudo assim:

só “*bits*” e “*bytes*”.

REFLEXÃO

É legal refletir sobre o nada.
Há apenas um cenário vazio,
um palco esfarrapado,
e o mundo inteiro, translúcido.
Então a gente pensa na vida
fluorescente,
e enxerga horizontes
incolores.

MINEIRO CANSADO

Eu sentado na porteira,
mastigando um
capinzinho,
vendo os passarinhos
e nuvens assombreadas.
De tudo o que logrei ver,
só pude exclamar “uai!”.
Eu era assim mesmo,
mineiro de porteira,
esperando, esperando.
Enquanto isso,
passava sobre minha
cabeça, voando raso,
uma manada de elefantes.
Eu não pensava nada,
apenas voava com eles,
voava, voava.

DESDITA

Desdigo tudo,

introspecto.

Desdeixo,

desmando,

desafeto.

Paro tudo.

Desinfeto.

CALEIDOSCÓPIO

Sou figura
fragmentada
que se recompõe
de vez em quando.

Nunca porém
sou igual
ao que era antes.

Sou cada fragmento,
parte
de um novo
momento.

De vez em quando
sou eu mesmo,
mas só
de vez em quando.

MEU DIA DE REFÉM

Hoje foi meu dia
de padecer como
refém.

Um dia quente
e normal,
e eu numa
fila enorme,
da Caixa Econômica
Federal.

“INSIGHT”

Foi quando abri
a janela e
encarei a
vida.

Senti-me meio
vago, vazio,
mas cheio de mim.

Então respirei fundo
e, comigo em mim,
fechei a janela.

POEMA DOCE

Dida me dizia:

— Açúcar bom é açúcar de rapadura,

tão doce,

tão doce,

que até o dente dói.

Café feito com esse açúcar,

leva nós até no céu,

de tão gostoso que é.

Garapa pura!

Cê num conhece não, Dim?

É um açúcar mais escuro,

mei marrom, quase preto,

o povo conhece ele

como açúcar “mascado”.

— Ah, Dida, agora sei.

E minhas melhores lembranças

adoçam meus momentos.

PABLO

A testa larga
e o gênio forte,
denunciam,
talvez,
uma inteligência
ressonante.
Do nome hispânico,
a consciência dos gênios.
Arte? Ternura?
Arquitetura?
O eterno mau-humor
reflete a exigência
dos perfeccionistas,
como se suas obras, ainda por fazer,
já saíssem inacabadas.

DÚVIDA CRÔNICA

Cada vez que sou tomado
por algum “*flashback*”
de minha pobre vida,
descubro que
gastei um tempo enorme
realizando nada.
Aí começo a buscar
padrões de
comparação com
outras pessoas:
constato, tristemente,
que realmente
não fiz nada.
(Então sou quase nada?)

CAUSA

As letrinhas e os sons,
com requintes de sonho
e emoção,
confirmam o poema.

As letrinhas e os sons,
às vezes,
organizam-se em métrica
e rima,
em prol do poema.

Às vezes sem métrica,
às vezes sem rima,
o poema livre aflora,
explora o ritmo,
encanta as horas.

O poema
às vezes ri,
às vezes
chora.